

Crítica política e de costumes na arte caricatural do Maruí

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

138



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



**Crítica política e de
costumes na arte
caricatural do *Maruí***



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE

- 138 -



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE

CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Crítica política e de costumes na arte caricatural do *Maruí*



UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2026

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Crítica política e de costumes na arte caricatural do *Maruí*
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 138
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, 2026

ISBN – 978-65-5306-118-7

CAPA: MARUÍ. Rio Grande, 21 ago. 1881

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

O meu programa defini-o
Sem rodeios, francamente:
Pretendo ver se enriqueço
Trabalhando honestamente.
(...)

Alegre como as crianças,
Franco, honesto e folgazão,
Quero abrir as minhas asas
Ao quente sol do verão!

Gozar a vida, que é breve,
Sempre a rir, sempre a
brincar,
Desprezando vãs tristezas
Num constante voitar! (...)

Eis o meu programa
Variado, apetitoso!...
E sem mais, caros fregueses,
Eu me despeço saudoso!

Maruí, 4 jan. 1880.

SUMÁRIO

Arte caricatural e crítica política nas páginas do semanário rio-grandino *Maruí* / 13

A crítica de costumes nos primórdios do *Maruí*: breve estudo de caso / 85

Arte caricatural e crítica política nas páginas do semanário rio- grandino *Maruí*

Nas décadas finais do século XIX, a cidade do Rio Grande viveu uma de suas etapas mais esplendorosas em termos de atividades jornalísticas, com a circulação de publicações com norte editoriais variados, como noticiosas, políticas, literárias, ilustradas, entre outros gêneros. Nesse ambiente, houve espaço para a edição praticamente contínua de semanários ilustrado-humorísticos, que tiveram como fio condutor a arte caricatural e a prática de um jornalismo eminentemente crítico-opinativo. A conjunção de imagens e textos cáusticos, irônicos, jocosos e sarcásticos, associada a uma estratégia de uma comunicação mais direta com os leitores, levou tais periódicos a uma significativa popularidade.

Dentre os hebdomadários de tal natureza, circulou no Rio Grande o *Maruí*. O caráter incisivo era marca registrada dos semanários ilustrado-humorísticos voltados à sátira e à caricatura, ficando tal característica muitas vezes refletida no próprio título que escolhiam para si. Esse foi o caso do *Maruí*, cuja denominação vincula-se ao termo “maruí”, ou “maruim”, referindo-se a um inseto díptero da família dos Quironomídeos. Assim, a exemplo de outros periódicos que adotaram

denominações de insetos, o nome *Maruí* revelava as intenções do semanário, executando, analogicamente, as atitudes de um inseto, ou seja, “picar”, “produzir ardor ou comichão”, promovendo intensa agitação na sociedade da urbe portuária¹.

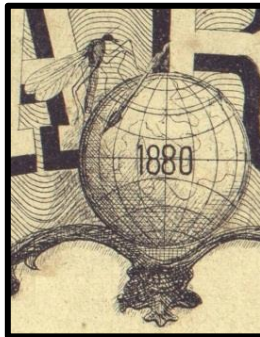
O hebdomadário começou a circular em 4 de janeiro de 1880, seguindo os padrões das folhas caricatas da época, possuindo oito páginas, divididas meio a meio entre textos e desenhos. Em seu frontispício, apresentava-se como “periódico ilustrado, satírico e recreativo”. Sua impressão era realizada em tipografia/litografia própria e o custo de sua assinatura variou de 14\$000 ao ano; 7\$500 ao semestre; e 4\$000 ao trimestre, passando posteriormente para 16\$000 (ano); 9\$000 (semestre) e 5\$000 (trimestre). Suas edições semanais saíam aos domingos. O *Maruí* ofereceu ao povo rio-grandino muitas páginas de sátira, bastante apreciáveis e, em muitas ocasiões, foi feliz na animação de seus bonecos postos em movimento com graça e oportunidade².

A presença do inseto díptero foi bastante marcante na edição original do *Maruí*, estando no cabeçalho da publicação, acompanhado de um crayon, lápis especial utilizado pelo caricaturista, que se tornou verdadeiro símbolo da arte caricatural. Também esteve indiretamente presente na primeira página do número inicial, na qual aparecia a tradicional passagem do ano, com o “velho” (1879), comunicando ao “novo” (1880):

¹ ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 194-195.

² FERREIRA, Athos Damasceno. *Artes plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)*. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 342-343.

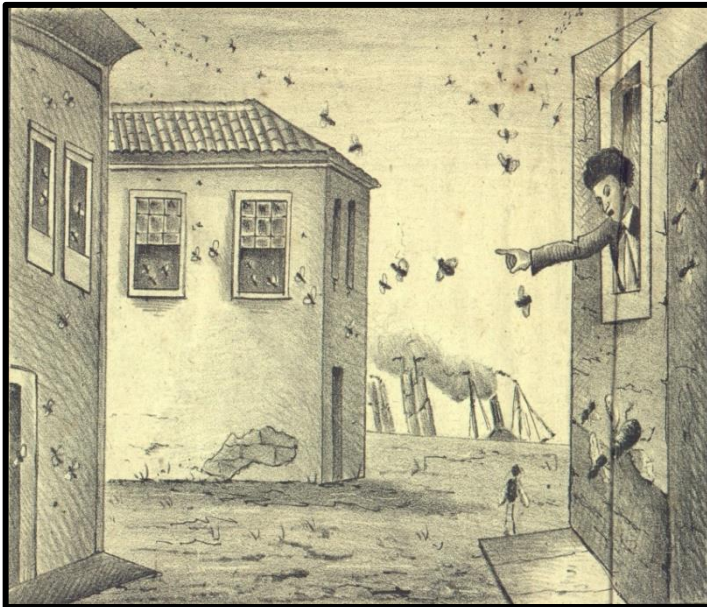
“Meu filho, encontrarás aí na Terra o *Maruí*, que aguarda a tua presença para ilustrar teus fatos”. A gravura era complementada pela representação redacional mais recorrente que o periódico adotaria, ou seja, uma espécie de bobo da corte, outra simbologia da caricatura, vestindo trajes contemporâneos, mas a referência ao inseto vinha nas asas que tal figura tinha às costas. Esse mesmo bobo da corte hodierno aparecia em outras cenas nas quais transformava os maruins em repórteres, que deveriam sair às ruas em busca de notícias (4 jan. 1880)³.



- detalhe -

³ ALVES, Francisco das Neves. *Estudos sobre a arte caricatural na cidade do Rio Grande*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra de Estudos Globais; Biblioteca Rio-Grandense, 2024. p. 45-53.





FRANCISCO DAS NEVES ALVES

O *Maruí* expressou seu programa na forma de um poemeto satírico:

O meu programa defini-o
Sem rodeios, francamente:
Pretendo ver se enriqueço
Trabalhando honestamente.

Às donzelas rio-grandenses
Venho pedir proteção,
Sabendo que elas possuem
Um sensível coração.

Abri, pois, as vossas bolsas
Ao travesso *Maruí*,
Se estiverem recheadas
Não sairei mais daqui!

Eu sou um pequeno inseto
Ligeiro, alegre e teful,
A volitar buliçoso
Por estas plagas do sul!

Tranquilizai-vos, leitoras,
Não tem veneno o ferrão,
Posso, pois, em vossos rostos
Ir dar um leve chupão!

Não vou manchar minhas asas
Pelo lodo dos pauis,
Desprendo o voo ligeiro
Só nos espaços azuis!

Vossas bolsas sejam flores
Em que chupe o *Maruí*;

Se vossos risos brotarem
Não hei de siar daqui!

Não irei aos aposentos
Das esposas recatadas,
Ferir alheios melindres
Com grosseiras assoadas.

A vós também mocidade
Dos clubes carnavalescos,
Que alegrais a sociedade
Com vossos ditos burlescos;

Que desfraldais sempre às auras
O garboso pavilhão,
Pedimos o vosso auxílio
Sem recear um *carão*!

Imprensa da minha terra,
Forte, ousada paladina
Que pregais os vossos programas
Em toda e qualquer esquina;

E vós também, ó sectários
Da chinesa emigração,
Sineiros, padres, marujos
E Jacinto garrafão;

Atendei: abri as portas
Ao zunidor *Maruí*,
Que vos dará mais prazeres
Que a cachaça Parati!

Se por acaso, indiscreto
For pousar num toucador,

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Não tende susto, leitoras,
Não faço intrigas de amor!

Alegre como as crianças,
Franco, honesto e folgazão,
Quero abrir as minhas asas
Ao quente sol do verão!

Gozar a vida, que é breve,
Sempre a rir, sempre a brincar,
Desprezando vãs tristezas
Num constante volitar!

Se me dais algumas *notas*
Conto pilhérias a mil;
(Mas essa *notas* que sejam
Do tesouro do Brasil)!

Eis o meu programa
Variado, apetitoso!...
E sem mais, caros fregueses,
Eu me despeço saudoso! (4 jan. 1880)

Como era típico do gênero que representava, o *Maruí* exerceu fortemente a crítica social e a de costumes, sem deixar de lado a de natureza política, que exerceu recorrentemente. Os temas de fundo político foram uma preferência entre os praticantes da arte caricatural⁴, observando a vida política pelo prisma crítico e radical

⁴ SINZIG, Pedro. *A caricatura na imprensa brasileira: contribuição para um estudo histórico-social*. Petrópolis: Vozes, 1911. p. 11 e 13.

em relação ao poder⁵, além de colaborar com o debate político, atuando no sentido de desmistificar o poder e incentivar o envolvimento de pessoas comuns nos assuntos de Estado⁶. O humor caricatural trazia uma vantagem competitiva aos seus articuladores, mormente quando os adversários eram os governantes ou postulantes à vida pública⁷. Os políticos eram alvos preferidos, com a caricatura surgindo como uma ameaça, já que não é a sua arte que torna os homens ridículos, e sim eles que são ridículos por si mesmos⁸.

O *Maruí* seguia a cartilha da maior parte dos ilustrado-humorísticos de sua época, que se propunham a atuar como moralizadores da sociedade, observando suas mazelas, denunciando-as e diagnosticando possíveis soluções. Tal enfoque não foi diferente ao tratar da política, ao buscar obter uma certa adesão dos leitores a tal projeto ou ação moralizadora, observando a realidade a partir da presença de um mal, encarnado na figura de um inimigo, e na existência de uma solução salvadora. Tal desordem aparecia como um estado de fato ou em potencial e o mal como uma existência em potencial, vindo a desencadear um temor gerador de angústia. A fonte desse mal pode ser representada por

⁵ LEMOS, Renato. *Uma História do Brasil através da caricatura (1840-2006)*. Rio de Janeiro: Bom Texto Editora e Produtora de Arte, 2001. p. 6.

⁶ BURKE, Peter. *Testemunho ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 121.

⁷ SALIBA, Elias Thomé. História Cultural do humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas. In: *Revista História* (São Paulo), n.176, 2017, p. 14.

⁸ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 13.

um indivíduo, um grupo, uma essência ou uma ideia cuja origem se localiza no adversário. Nesse caso, a solução salvadora consistia em propor medidas que deveriam reparar o mal supostamente existente⁹. Nesse sentido, esse mal era representado pelos próprios atores políticos e suas supostas visões de mundo não necessariamente calcadas na honestidade e trazendo a primazia de seus interesses privados em detrimento daqueles de natureza pública.

Nessa linha, a publicação humorística e ilustrada rio-grandina abria baterias contra o que, naquele tempo, ela e seus congêneres costumavam chamar enfaticamente de vícios sociais e para cuja erradicação se propunha aviar a panaceia heroica e decisiva¹⁰, sendo a política um de seus mais significativos alvos. Ao exercer a crítica de cunho político, o *Maruí* não chegava a estabelecer uma identificação mais afinada com uma das duas principais agremiações partidárias da época imperial, preferindo lançar seu olhar crítico para a atuação dos políticos como um todo. Praticava assim um discurso do senso comum, o qual é constituído por construções discursivas que não chegam a demarcar um discurso articulado, ou seja, uma totalidade discursiva, consistindo-se em fragmentos de discursos articulados ao longo da história de um povo ou destacados de discursos em uma dada conjuntura política e social. Nesse caso, duas características são marcantes, quer seja,

⁹ CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 91.

¹⁰ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 178-179.

não estão articulados a nenhum discurso que pretenda construir uma visão de mundo unificada e têm uma circulação generalizada no interior da sociedade. Desse modo, tal discurso tem uma enorme capacidade de dar sentido à vida cotidiana e uma enorme potencialidade de ser articulado a diferentes visões do mundo¹¹.

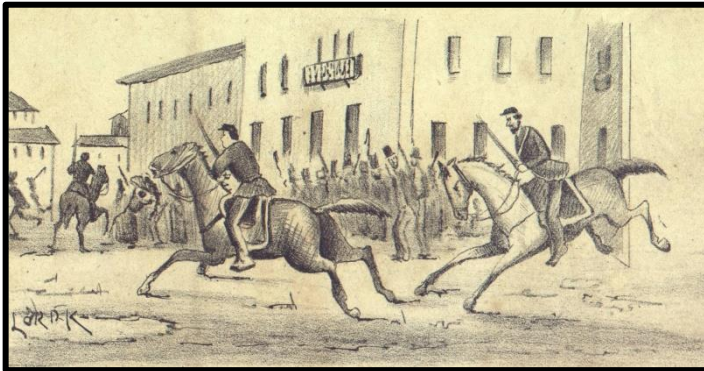
A respeito desse fundamento moralizador em relação à sociedade, o *Maruí* cobrava uma postura mais contundente por parte da imprensa. Nesse sentido, dizia que, “apesar de não gozar dos foros de imprensa séria, lamenta, todavia, que esta ainda não se tenha compenetrado do que é e do que vale”. Diante disso, se referia aos periodistas dos jornais diários, destacando que “os ilustres colegas” seriam “eles próprios a causa da imprensa não ser entre nós tão considerada quanto devia sê-lo e é em outras partes”. Colocando-se na condição de representante dos “jornalistas domingueiros ou hebdomadários, pobres ignorantes das práticas da imprensa graúda”, ainda assim reivindicava que “ou a imprensa tem a consciência da sua importância, ou não tem”. E complementava argumentando que se a imprensa tinha tal consciência, deveria “fazer-se respeitar como potência que é”, mas, caso contrário, deveria retirar-se, declarando-se convencida “pela lógica dos fatos de que as pessoas que a desconsideram lá sabem” o motivo de fazê-lo (23 jan. 1881).

Especificamente quanto aos temas de natureza política, o *Maruí* declarava que, “apesar de jornal humorístico, julga do seu dever ocupar-se de quando em

¹¹ PINTO, Céli Regina. A sociedade e seus discursos. In: *Com a palavra o senhor Presidente José Sarney*. São Paulo: Hucitec, 1989. p. 43-45.

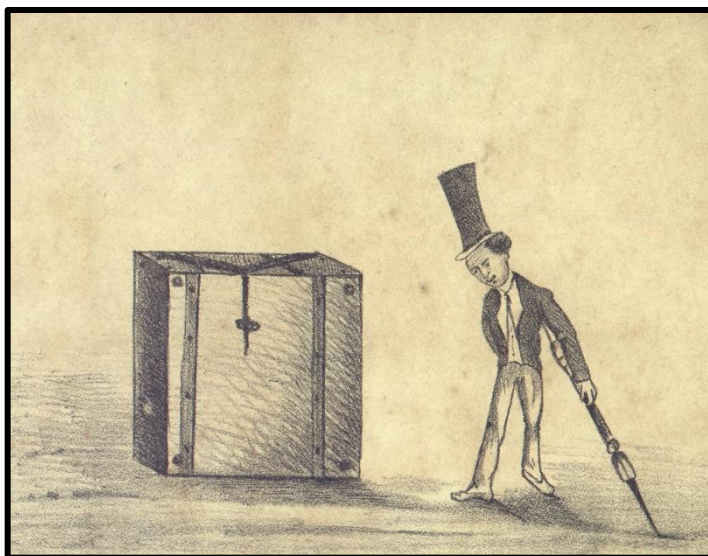
vez com os negócios políticos”, estando “convencido de que a sua opinião é quase geralmente aceita pelos verdadeiros patriotas” (16 jan. 1881). A visão quanto aos tópicos políticos era negativa e pessimista, com a constatação de que “a política caiu numa indolência precursora de grande reação, ou de morte certa e morrida”. Os políticos eram observados como “preguiçosos e fatigados”, que só se movimentavam em períodos eleitorais, quando passavam “a agitar, importunar e aborrecer com pedidos e com promessas”, com uma cobiça por cargos tão grande, que nunca faltavam candidatos. Revelando seu descrédito, frente a tal circunstância, demarcava que “os leitores do *Maruí* darão uma prova de juízo se não se comprometerem com quem quer que seja” (6 fev. 1881).

Uma das primeiras manifestações políticas de natureza caricatural expressa pelo periódico deu-se na forma de um conjunto de desenhos no qual explicava que a população se via na obrigação de conviver pacificamente com as decisões das autoridades públicas, uma vez que à qualquer reivindicação popular, a resposta governamental era a repressão. Nessa linha, afirmava “paguem e não bufem, porque contra a força não há resistência”, de modo que, “quando o ministro quer e o rei consente, o povo obedece”, caso contrário, o povo perceberia “de que pau é a canoa”. Diante disso, o semanário questionava se realmente haveria liberdade no país, demarcando que “o povo vira os bondes por que não pode virar os ministros” (11 jan. 1880).



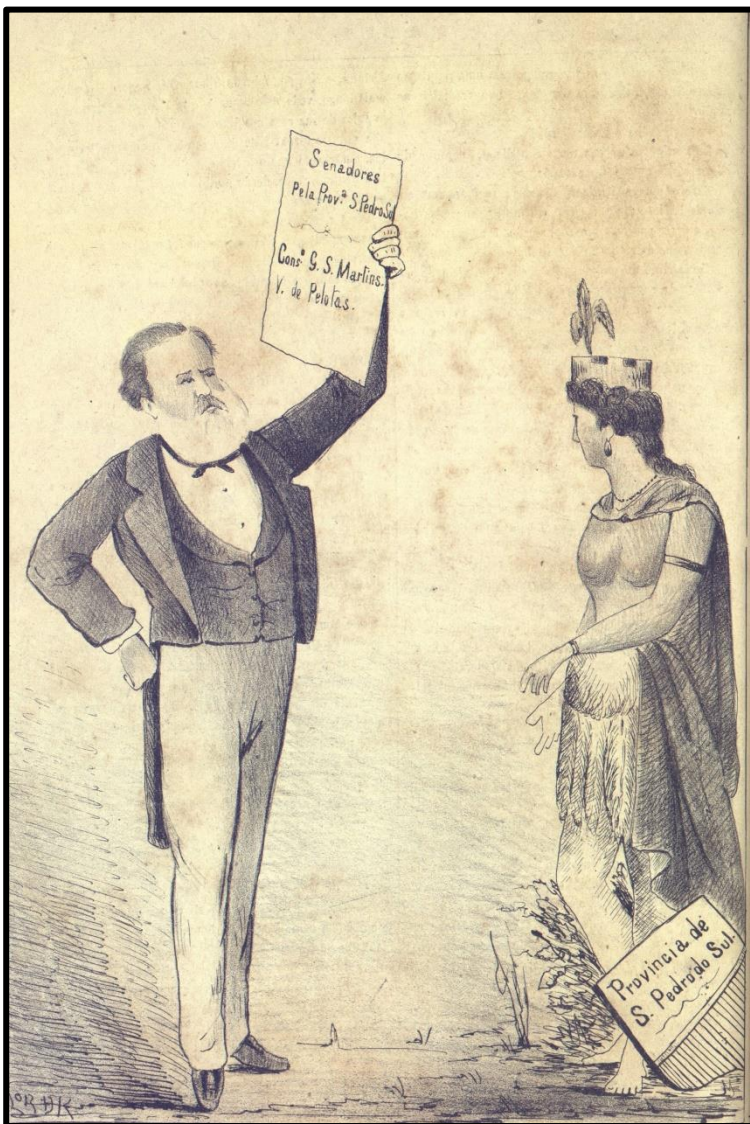
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Outra crítica política referia-se à própria figura imperial, com o bobo da corte trazendo o seu tradicional crayon à mão e observando uma caixa hermeticamente fechada, na busca por demonstrar que “o Imperador faz segredo de suas opiniões acerca da situação”, no sentido de exigir maior transparência de parte do governante (11 jan. 1880). Em mais uma representação caricatural, o Imperador era novamente o alvo da crítica, pois se colocava a dormir tranquilamente, sem preocupar-se com os destinos do país, enquanto um representante de seu ministério manipulava a vida política nacional. A mobilização seria a solução para tais desmandos, conforme revelava a convicção do periódico, ao mostrar a cidade do Rio Grande como uma figura feminina, de arma à mão, pronta para combater aqueles malfeitos (25 jan. 1880).





Ainda quanto ao Imperador, o semanário rio-grandino demonstrava o poder unipessoal de tal autoridade, anunciando os senadores de sua escolha para uma figura feminina que representava a Província do Rio Grande do Sul (14 mar. 1880). No mesmo sentido, outra caricatura trazia a conversa do índio/Brasil com um político, cobrando-lhe acerca de suas “promessas”, ao passo que ficava evidente o poder decisório imperial, com o imperante de rebenque à mão dominando a “governança” do Estado (28 mar. 1880). Mais um desenho sobre tal temática, trazia a insatisfação de um político gaúcho por não ter sido o escolhido para a senatoria, aparecendo o mesmo como uma criança que precisava ser alimentada, sob o olhar de Pedro II e do bobo da corte. A lista para senador voltava a ser a pauta em outra caricatura, demarcando mais uma vez o poder de mando imperial para tal escolha (4 abr. 1880). O senado retornava a ser o assunto em desenho no qual um político apontava a necessidade de extirpar tal casa parlamentar, representava por uma árvore, ao que o Imperador tranquilizava-o, uma vez que os próprios integrantes iriam contribuir para o seu errático funcionamento (2 maio 1880).



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

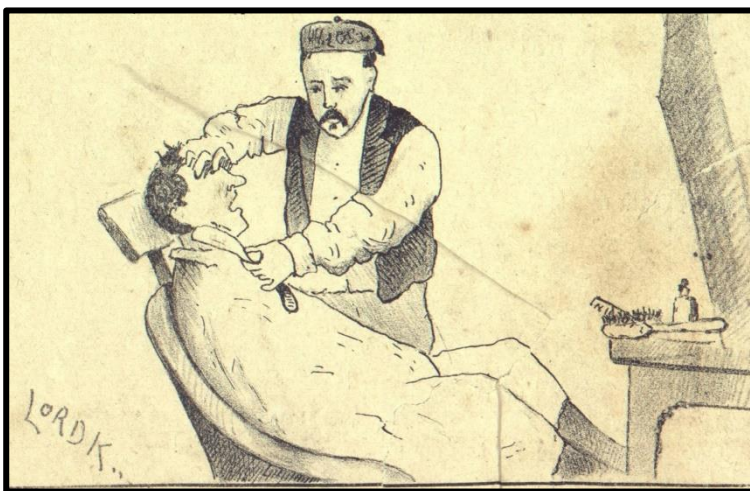


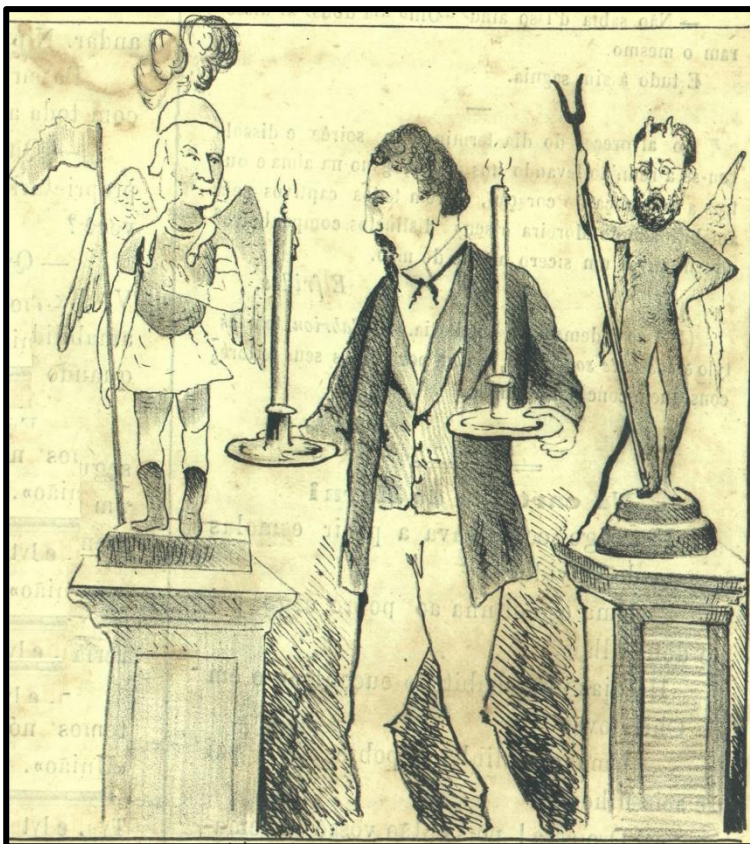


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



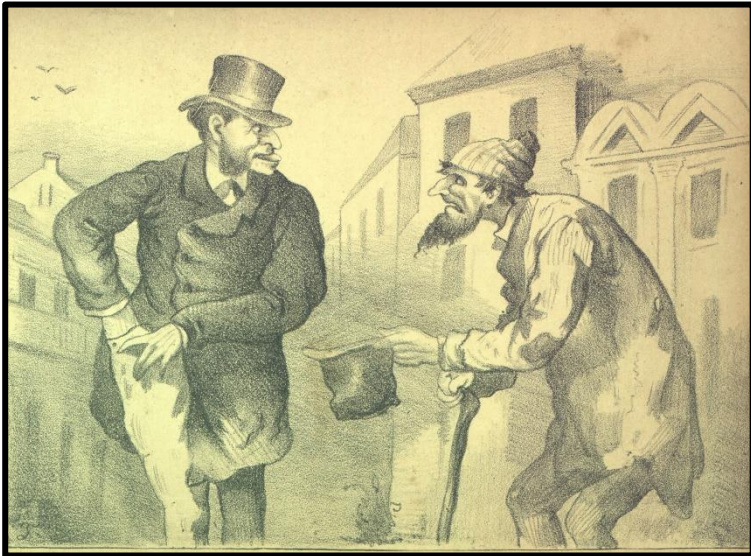
Os políticos eram também protagonistas da crítica política exercida pelo *Maruí*, com presença garantida nos registros caricaturais. Uma dessas críticas se dava na forma de um diálogo entre um barbeiro e seu freguês, com este perguntando se haveria alguma sociedade que congregasse a classe de seu interlocutor, recebendo uma resposta negativa do outro por se tratar de uma categoria muito diminuta, ao que o primeiro retorquia, dizendo que o segmento não seria composto pelos profissionais do cabelo e da barba, pois também haveria os “barbeiros políticos”, que “abundam em quantidade nesta terra”, em alusão aos indivíduos que não eram hábeis em sua profissão (29 fev. 1880). A falta de fidelidade político-partidária e ideológica era denunciada por um político que, por via das dúvidas e espertamente, acendia “uma vela para o santo e outra para o diabo” (25 abr. 1880).



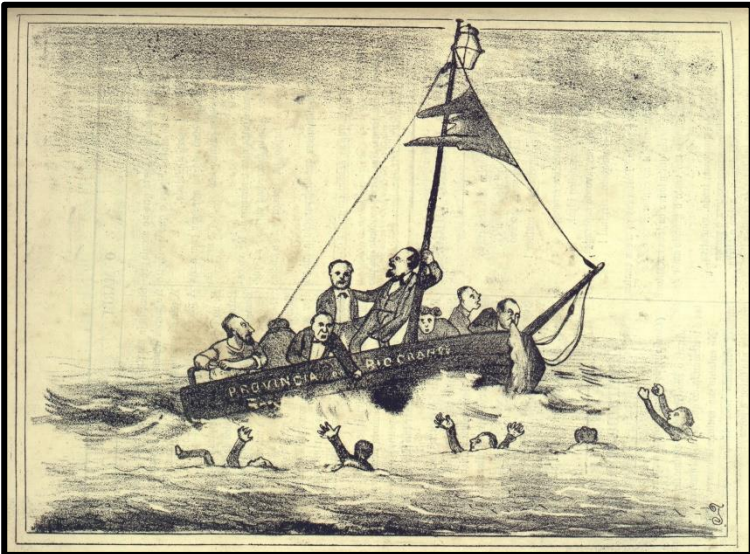


Ainda quanto aos atores políticos, a folha ilustrada publicou caricatura intitulada “Caridade política”, na qual um candidato negava-se a dar esmola a um necessitado, tendo em vista que um parente deste havia votado no partido oposto ao daquele (30 jan. 1881). Em uma nova manifestação caricatural, o periódico trazia uma série de “politiqueiros” de cara amarrada, tendo em vista uma preterição em processo eleitoral,

com o detalhe do tamanho do nariz de todos eles, em referência às inverdades que proferiam (3 abr. 1881). A cupidez dos políticos para abocanhar cargos públicos era outro mote das denúncias do hebdomadário, que acusava o excessivo número de candidatos, afirmando que “chovem os candidatos, como minhocas em terreno úmido”, com todos se julgando “com direito a representar os seus concidadãos”, havendo, portanto, “uma fortuna, ou antes, uma enxurrada” deles (20 mar. 1881). Nesse sentido, uma ilustração trazia a nau da Província do Rio Grande do Sul, carregando tantos candidatos que não havia lugar para todos, com vários deles caindo às águas, e a temeridade de que houvesse naufrágio, pois seria “impossível que a canoa possa com tanta baixaria (28 ago. 1881).



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A aversão ou pelo menos uma versão negativa para com os políticos era estabelecida também por meio de representações imagéticas que os apresentavam como feras, animais, ou simplesmente indivíduos mal-encarados, com intenções ao menos suspeitas. De acordo com essa perspectiva, um deles aparecia como um enorme felino, “com apetite de devorar” um de seus adversários, enquanto outro aparecia como um leão, que colocava para correr seu colega (27 jun. 1880). As traições na política eram registradas como antigos aliados fortemente armados para atacar uma de suas lideranças simbolizada por um leão (4 jul. 1880). As disputas entre liberais e conservadores pela hegemonia do poder era qualificada pelo semanário como um rinha de galos (6 nov. 1881). O olhar crítico recaía igualmente sobre um indivíduo qualificado como o “mal das vinhas” e “filho do vigário”, apresentado primeiramente como um homem, para depois ser transmutado em um cão faminto, pronto para roer o osso das verbas públicas (31 jan. 1882).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES





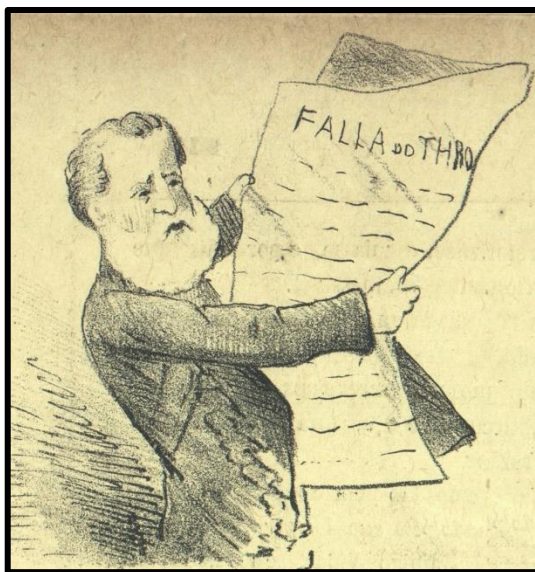


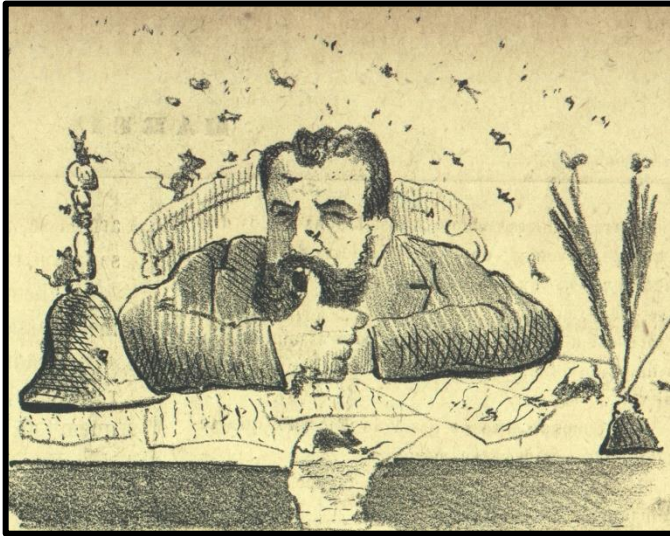


As atuações da categoria política foram igualmente alvo da repreensão de parte do periódico caricato rio-grandino. Foi o caso da “Fala do Trono” proferida pelo Imperador no parlamento, em abordagem marcada pela ironia e pelo deboche, visando a apontar as inverdades ditas pela figura imperial. D. Pedro II lia seu discurso que versava sobre os profícuos trabalhos dos parlamentares, mas a imagem trazia um político inativo, entregue às moscas; os cuidados para com a diplomacia era desmentido pelo Brasil/índio tombando diante do poderio argentino; o lamento por não ter podido restabelecer a paz na América do Sul; a contínua tranquilidade pública era mostrada como um assalto, obrigando o cidadão a armar-se até os dentes para cuidar de sua segurança; as propaladas ações para

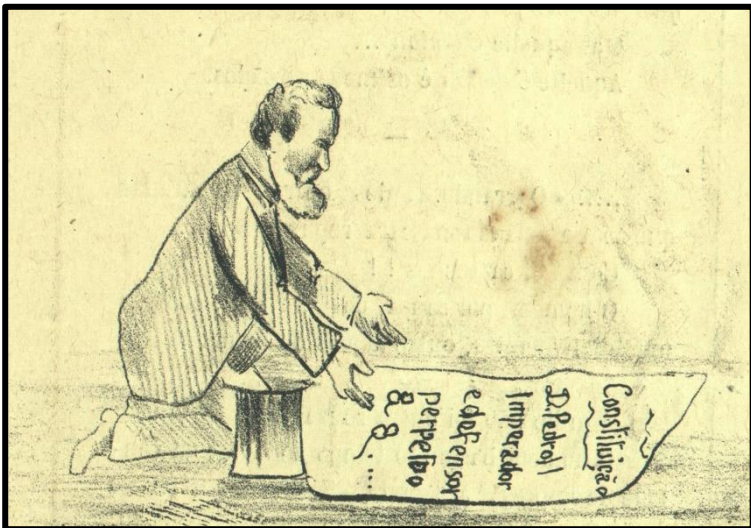
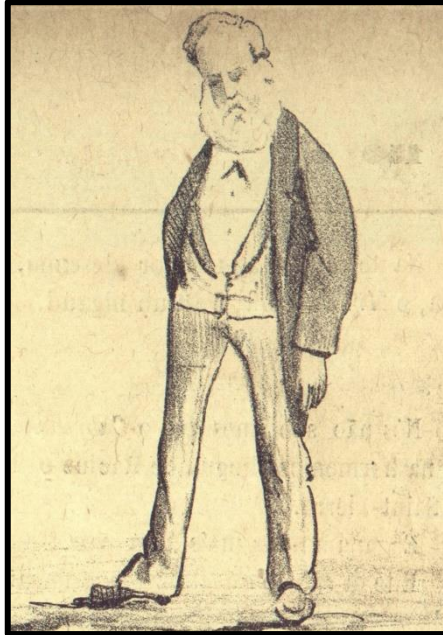
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

apacar as secas no nordeste eram traduzidas pelos nordestinos transformados em animais ávidos por água, gerando a “indústria da seca”, que só interessava aos ricos; as providências para a educação eram transformadas na simples distribuição de cartilhas para as crianças; a reforma eleitoral era enfatizada como morosa e sem o alcance democrático pretendido; o Imperador via os parlamentares como portadores de “luzes e patriotismo”, no que era contrariado pelo hebdomadário, pelo menos quanto a este último; o governante dizia acreditar na melhora da situação financeira nacional, o que era contradito pelos pesados impostos pagos pelo Brasil/índio; era apontada ainda a economia do dinheiro público, o que era traduzido como um homem público deixando as verbas se esvaírem por uma mangueira (9 maio 1880).





FRANCISCO DAS NEVES ALVES

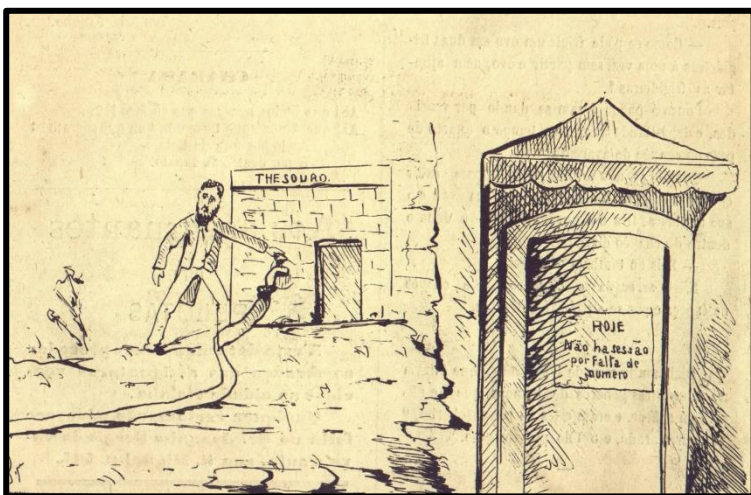




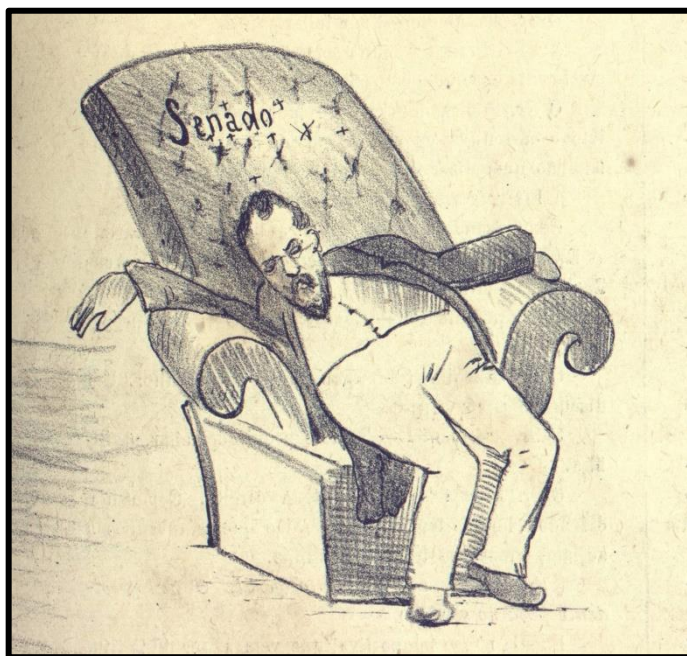
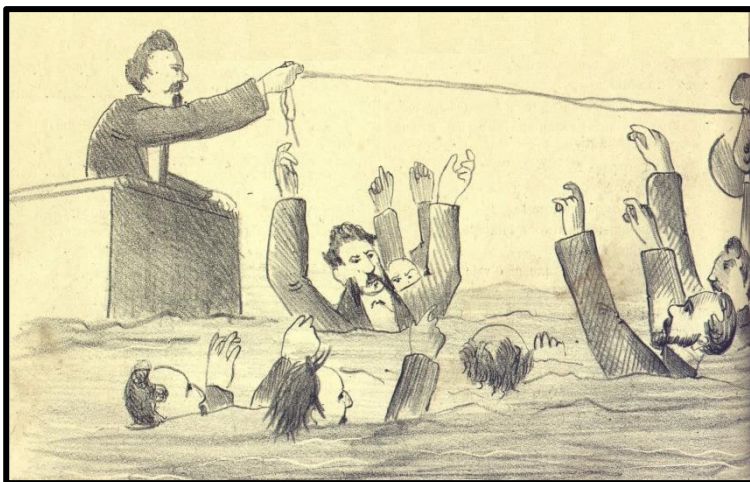


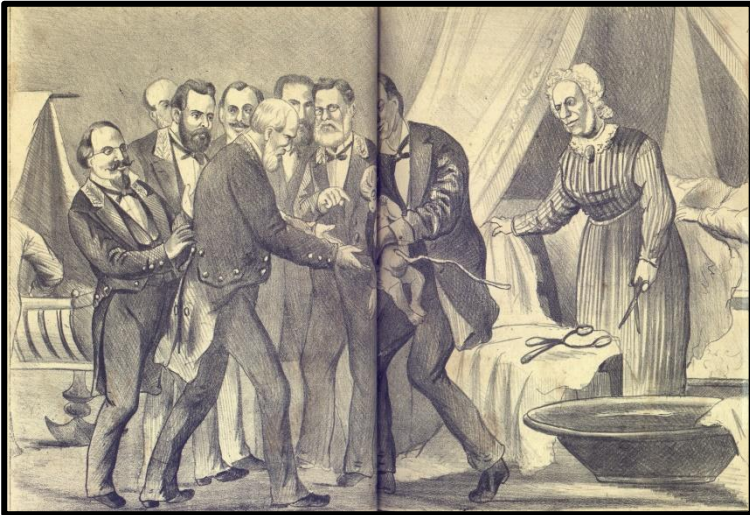
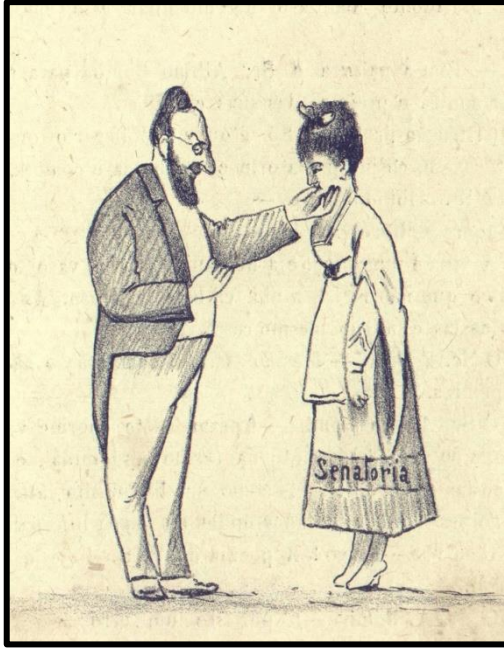


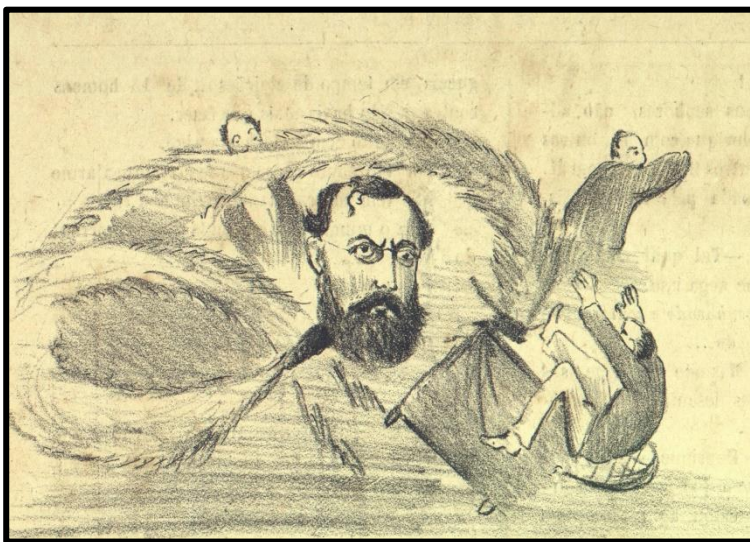
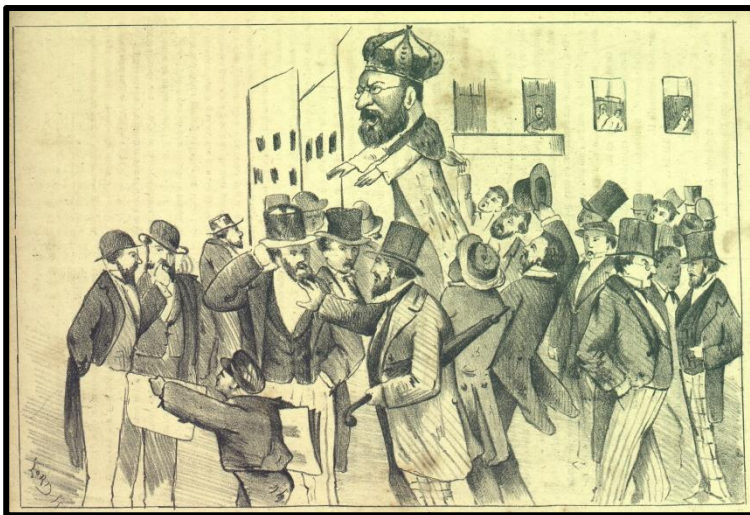




O excesso de práticas discursivas, em detrimento de ações mais objetivas no parlamento era demonstrado pela tribuna inundada pela “eloquência”, que “afoga todo mundo”. Ainda no ambiente parlamentar, o periódico mostrava um político satisfeito unicamente em sentar na cadeira senatorial, bem como usufruir das benesses da senatoria, representada por uma figura feminina “mimosinha” (4 jul. 1880). A ambição dos políticos era observada no contexto da elaboração da “famosa reforma eleitoral”, traduzida como o nascimento de uma criança, em relação a qual diversos parlamentares pretendiam assumir a paternidade (11 jul. 1880). O poder pessoal que os homens públicos atribuíam a si mesmos foi representado por personagem que assumia feições majestáticas perante seus apoiadores. Em contrapartida, a folha demonstrava que aquele político, que era considerado como uma árvore frondosa e forte, havia se tornado “um verdadeiro busca-pé” (18 jul. 1880). A ânsia arrecadatória das autoridades públicas era tamanha segundo o *hebdomadário*, que o bobo da corte, incorporando a redação do *Maruí*, buscava negociar um abrandamento de imposto, que não viesse a afetar com tamanha força as atividades comerciais, representadas pela figura mitológica de Mercúrio (28 dez. 1880).









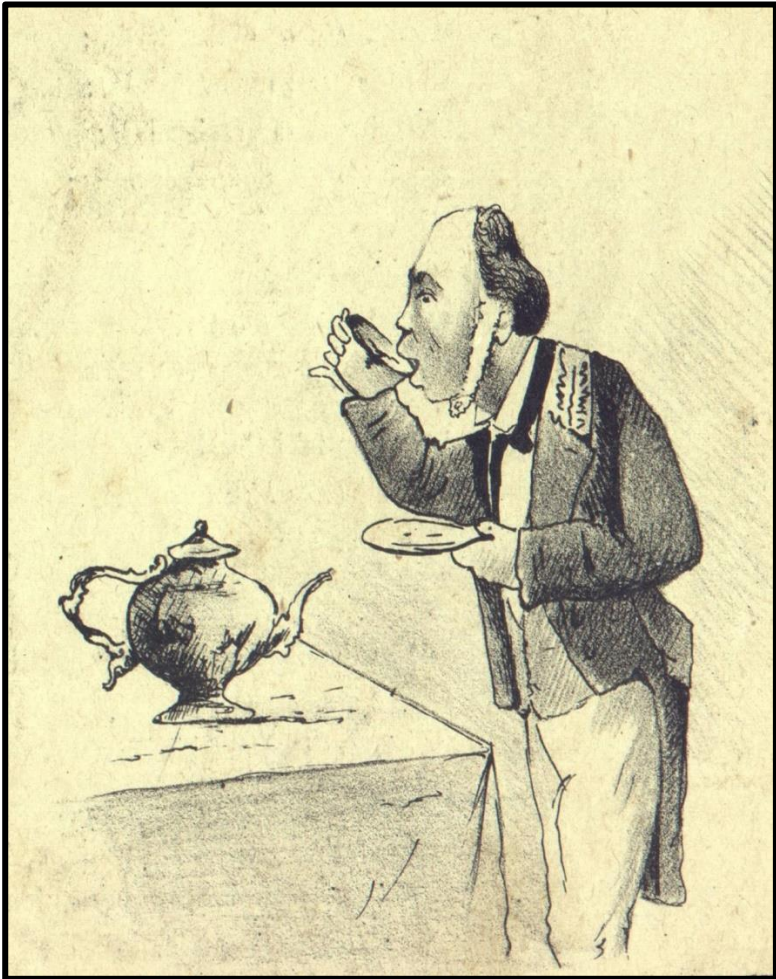
Ainda acerca das ações dos políticos, a folha ilustrada rio-grandina teceu uma crítica pontual aos mesmos, censurando fortemente um propalado projeto de trazer mão de obra chinesa para trabalhar no Brasil. Nesse sentido, mostrava um político condenado ao ostracismo, enquanto uma figura oriental lhe fazia caretas do outro lado do horizonte, revelando aquele que se enganara quando pretendia com tal proposta erguer “o monumento com que pretendia perpetuar” a sua “gloriosa memória” (11 jan. 1880). A visão do periódico era amplamente contrária à imigração dos chineses, tratando-os a partir de uma perspectiva estereotipada, ao considerar que os mesmos não se adaptariam à realidade brasileira, pois seriam incapazes para as lides agrícolas, incompetentes para as práticas comerciais e, além disso, pouco idôneos e identificados como ladrões de galinhas. O proponente dessa proposta migratória foi

criticado ainda por estar orientalizando seus hábitos, como ao consumir chá, vestir-se e alimentar-se como um chinês. Diante disso, o semanário protestava que os “infelizes colonos, que querem trabalhar, estão atirados nas estradas”, sem qualquer tipo de assistência (7 mar. 1880).







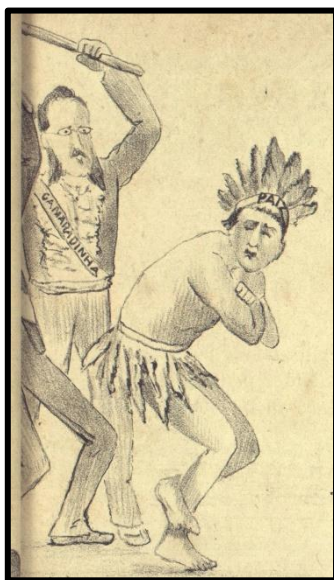
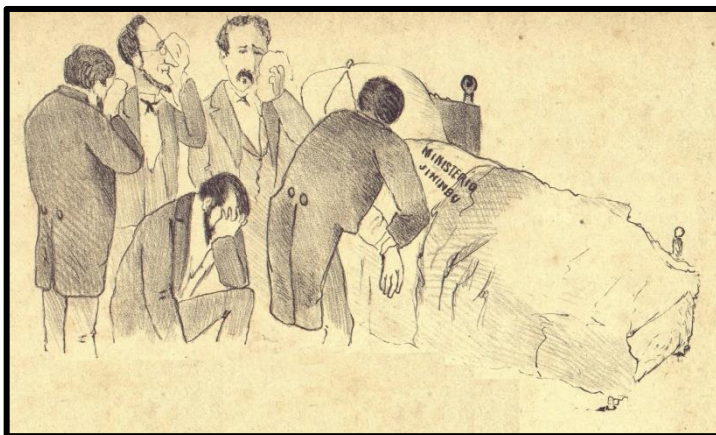




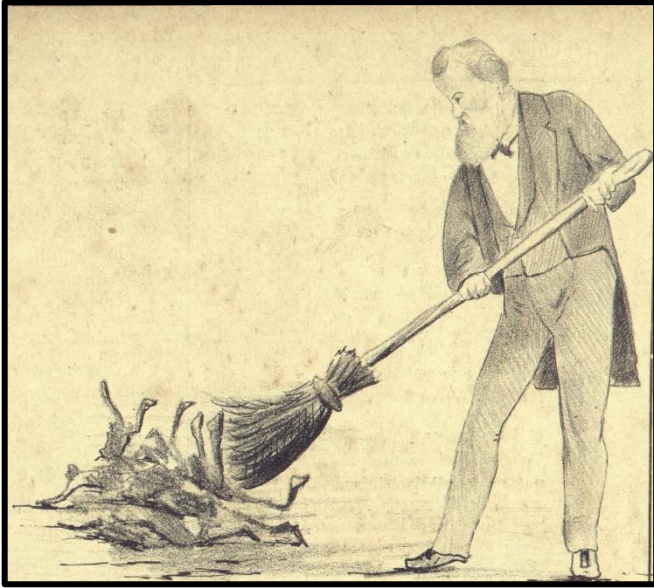


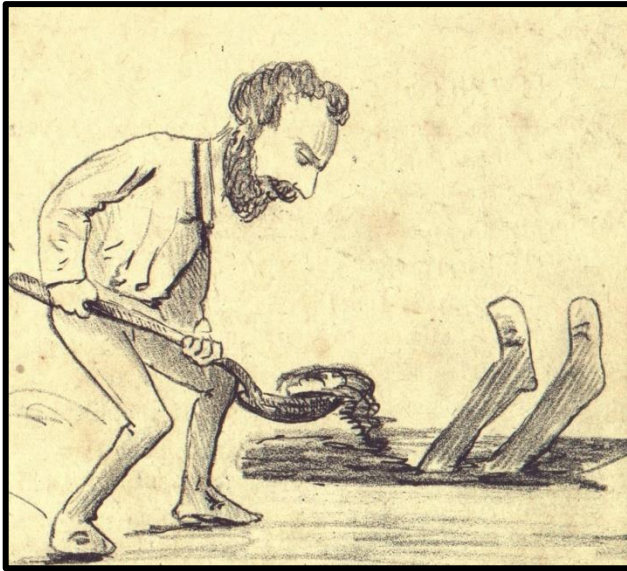
As inversões partidárias entre liberais e conservadores que marcaram a formação monárquica brasileira eram comumente marcadas pelas tradicionais derrubadas, nas quais os funcionários públicos vinculados ao partido que caía, perdiam seus cargos para os partidaristas dos que ascendiam ao poder. Tais trocas foram denunciadas pelo *Maruí* em desenho graficamente carregado de violência, no qual o empregado público aparecia decapitado, pelo machado das demissões, com o corpo para um lado e a cabeça para o outro (29 fev. 1880). Já uma queda ministerial propriamente dita era apresentada como um funeral, no qual muitos políticos não paravam de chorar, pela perda de seus cargos. O gabinete que caía era caracterizado como aquele que trouxera males ao país, simbolizado por um índio que apanhava a pauladas pelos membros daquele. Na ocasião, o Imperador aparecia varrendo “os ilustres personagens que compunham o gabinete”. Enquanto o novo chefe do ministério chegava galopando, o do gabinete decaído era enterrado, ao passo que a notícia da queda era noticiada pelos jornais e

comemorada pelos adversários, bem como por aqueles que já haviam garantido suas eleições, realizando-se até um banquete em celebração (14 mar. 1880).

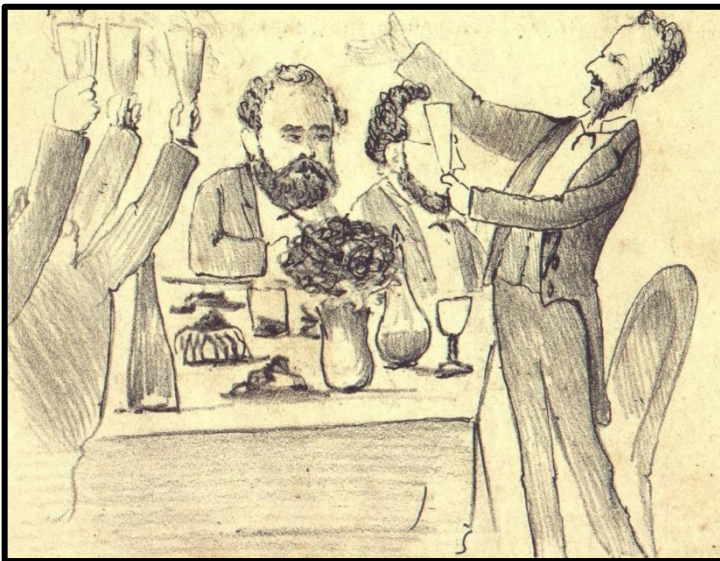


FRANCISCO DAS NEVES ALVES

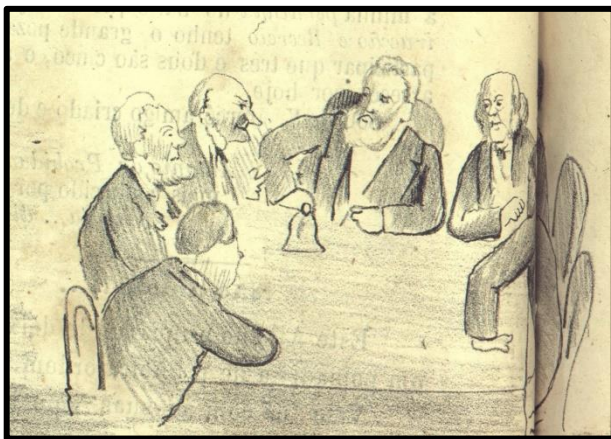




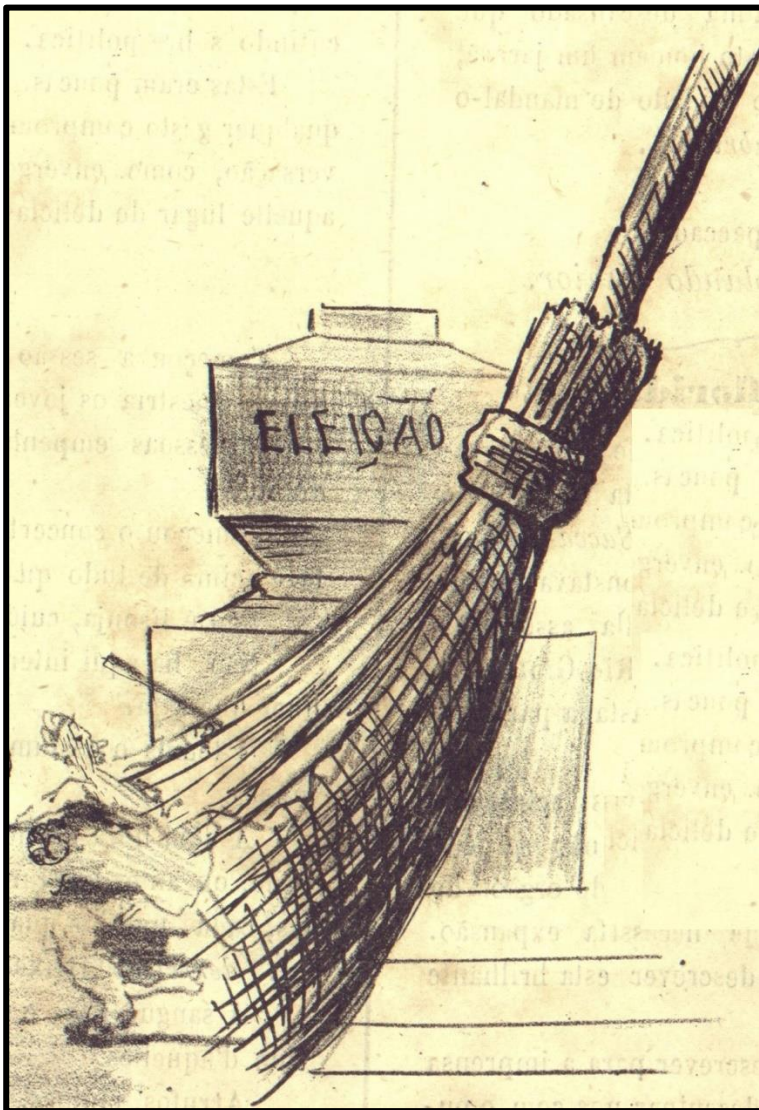
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

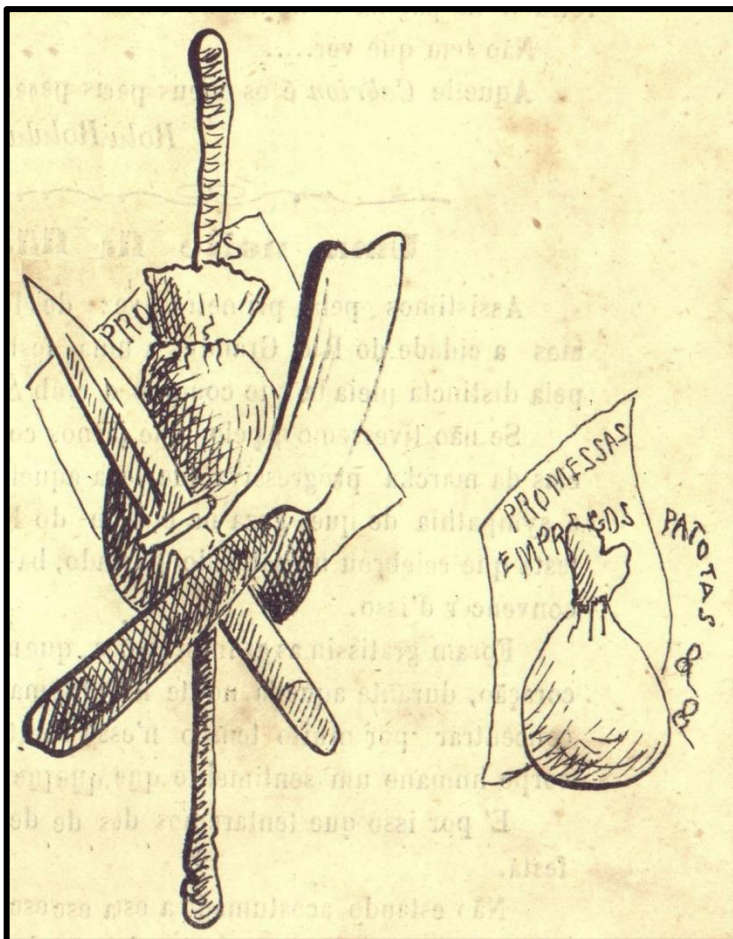


O processo eleitoral também foi alvo da crítica política do semanário caricato rio-grandino, ao mostrar o Conselho de Estado discutindo o tema, em seguida apresentava que a aristocracia preparava-se para protestar quanto a alterações no formato das eleições, observadas “como um atentado contra seus direitos”. Segundo o periódico, carregando nas cores da ironia, os magnatas acabariam por varrer “essas indecentes criaturas que invadem os direitos do verdadeiro cidadão”, de modo que o “emblema das eleições” deixaria de ser alicerçado apenas na violência e no suborno, passando a incorporar as promessas de emprego para contemplar as patotas, os seja os apoiadores trapaceiros (25 abr. 1880). O controle sobre os votantes era igualmente denunciado, com a presença de capangas que cuidavam das urnas, despertando o medo dos eleitores. Frente a tal circunstância, o hebdomadário comentava: “Aproxima-se o dia em que o povo terá de exercer a *soberania* de seus *direitos*. Pobre povo!” (23 out. 1881).



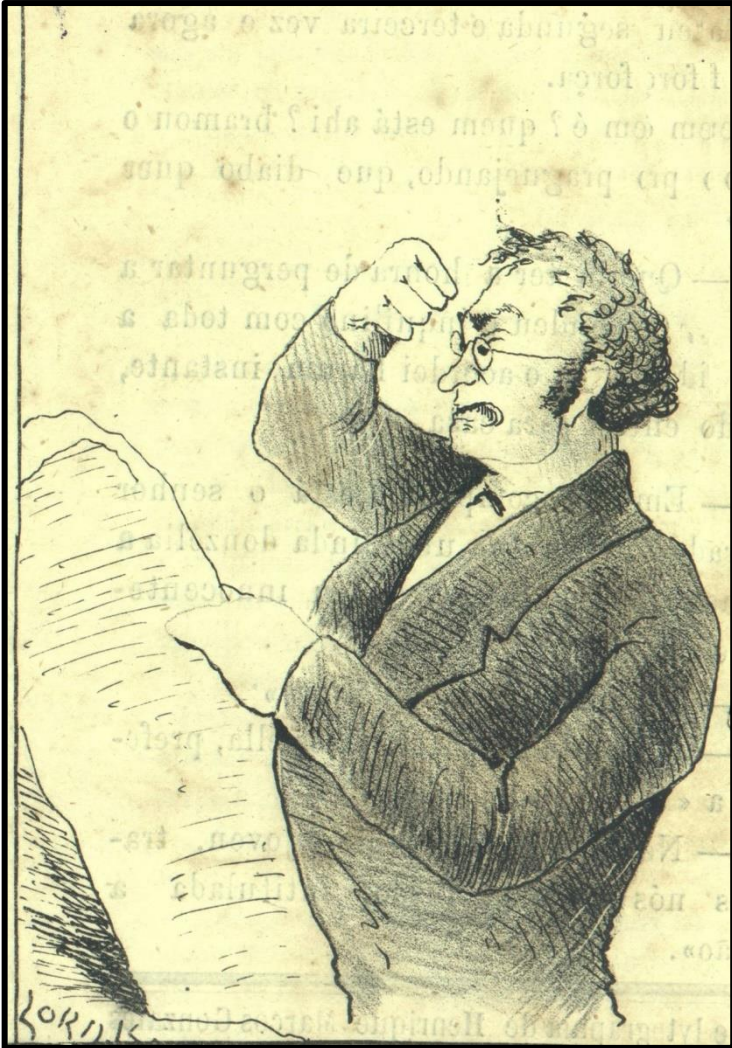


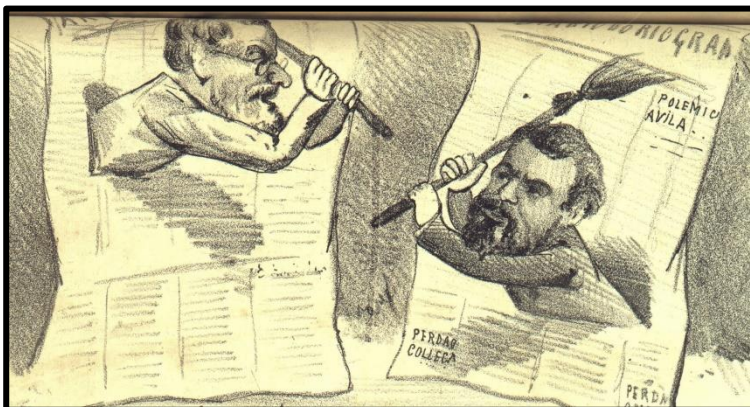


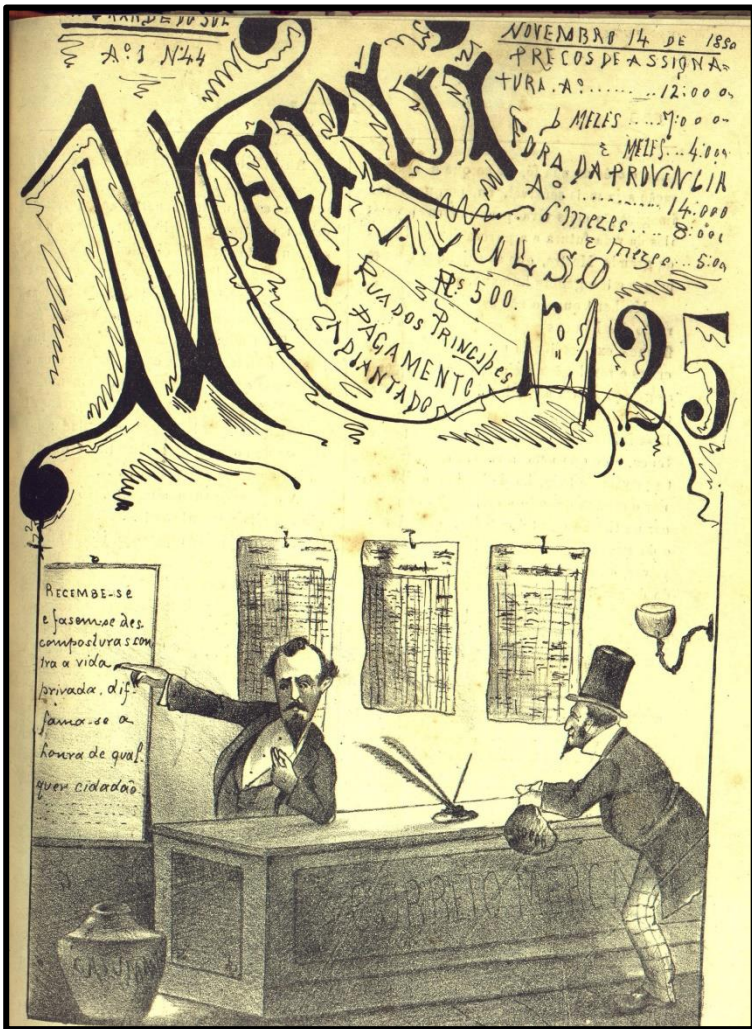


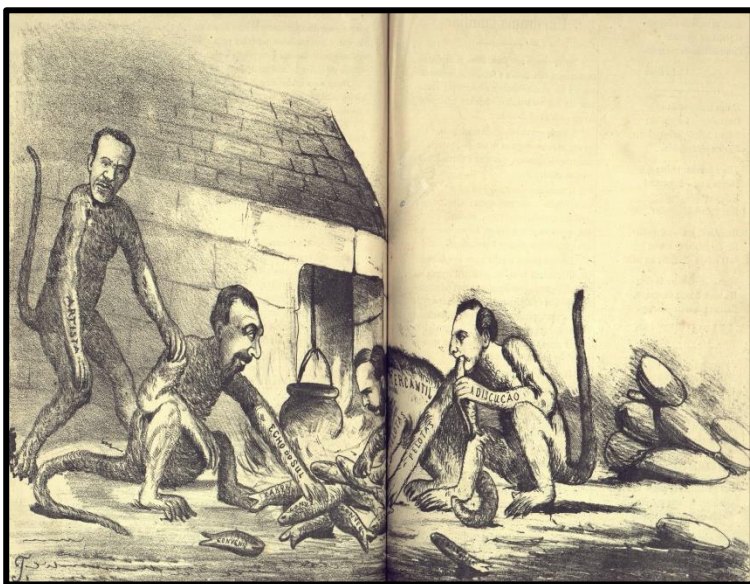
A imprensa cuja proposta editorial era fortemente alicerçada no partidarismo constituiu mais um ponto de foco da crítica política do Maruí. O conflito partidário excessivo era demonstrado por meio da arte caricatural com a presença de um consumidor da informação jornalística e a apresentação da “opinião de

um leitor de política”, cujo foco era o recrudesimento das disputas, ao refletir: “Ainda bem que vão se pegar! Tomara, que é para uns baixarem a cristas dos outros” (25 abr. 1880). As discussões entre os diários rio-grandinos era vista como exacerbada em demasia, com as disputas entre o conservador *Eco do Sul* e o liberal *Artista*, sendo pejorativamente comparada a uma briga de bodes sobre uma ponte estreita, com a possibilidade do derrotado vir a cair. A legenda era a seguinte: “A questão do *banquete* está neste ponto. Veremos quem leva a sua avante” (5 set. 1880). Segundo o semanário, os desentendimentos não seriam apenas entre folhas de agremiações diferentes, havendo desacordo até mesmo entre os liberais *Artista* e *Diário do Rio Grande*, cujos redatores digladiavam-se por meio de vassouradas, em desenho acompanhado da inscrição: “Estamos vendo qualquer dia pegados à vassoura os nossos colegas. É pena, eram tão amiguinhos” (7 nov. 1880). A pena venal do jornalismo era também denunciada, em caricatura de capa que mostrava “o balcão de um jornal de Pelotas”, cidade vizinha, que estabelecia preços para caluniar contra potenciais adversários políticos (14 nov. 1880). A confusão entre afinidade político-partidária e ideológica e interesses financeiros era também encarada na representação dos jornalistas da imprensa regional como homens primitivos, cujo único interesse era o de alimentar-se com peixes identificados com um convênio, buscando demarcar algum viés escuso na orientação das opiniões emitidas pelas folhas (21 ago. 1881). Já outro jornal, fortemente identificado partidariamente, era representado pelo caricato como um burro, tradicional adjetivo de cunho depreciativo para designar uma suposta falta de inteligência (12 fev. 1882).









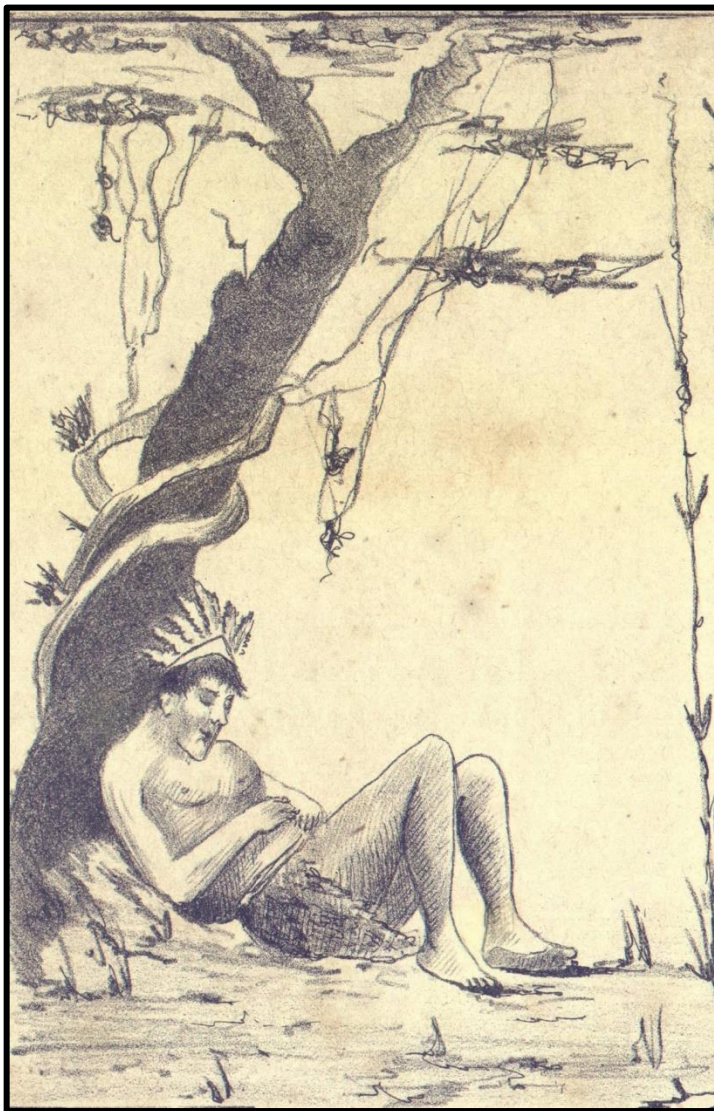


A crítica moralizadora do periódico direcionava-se igualmente para as questões políticas locais. De acordo com a folha, seus leitores poderiam seguir o seu exemplo, ao dispor-se “a não votar senão no candidato que se comprometer seriamente e solenemente a obter melhoramentos para a nossa cidade” (6 fev. 1881). Como nem todos os eleitos cumpriam suas promessas, o *Maruí* lançava várias cobranças em relação à Câmara Municipal, poder público de cunho executivo e legislativo à época imperial. A corrupção em meio à Câmara, normalmente representada por uma figura feminina, era denunciada, com a mesma designada como uma obesa senhora, que deglutia avidamente um prato, no sentido de locupletar-se com o dinheiro público, com o comentário de que “tem ideias muito felizes essa senhora edilidade”, optando por uma “pepineira”, ou seja, uma patuscada, uma farra com as verbas públicas, ao invés de “abrir ruas”, gerando “cada *ratão* feliz” (24 out. 1880). Diante desses possíveis desvios financeiros, o bobo da corte personalizava mais uma vez a redação e chamava atenção da dama/Câmara para a necessidade de reformas em “prédios que ameaçam desabar” (30 jan. 1881). A Câmara era ainda simbolizada por uma anciã com uma pá à mão, como se estivesse pronta a enterrar algo ou alguém, ou ainda, a própria municipalidade, ao que reagia o outro personagem da cena, xingando-a de “velha maldita, excomungada e rabugenta”, desejando que recaísse sobre a cabeça dela “o merecido castigo” (31 jan. 1882).

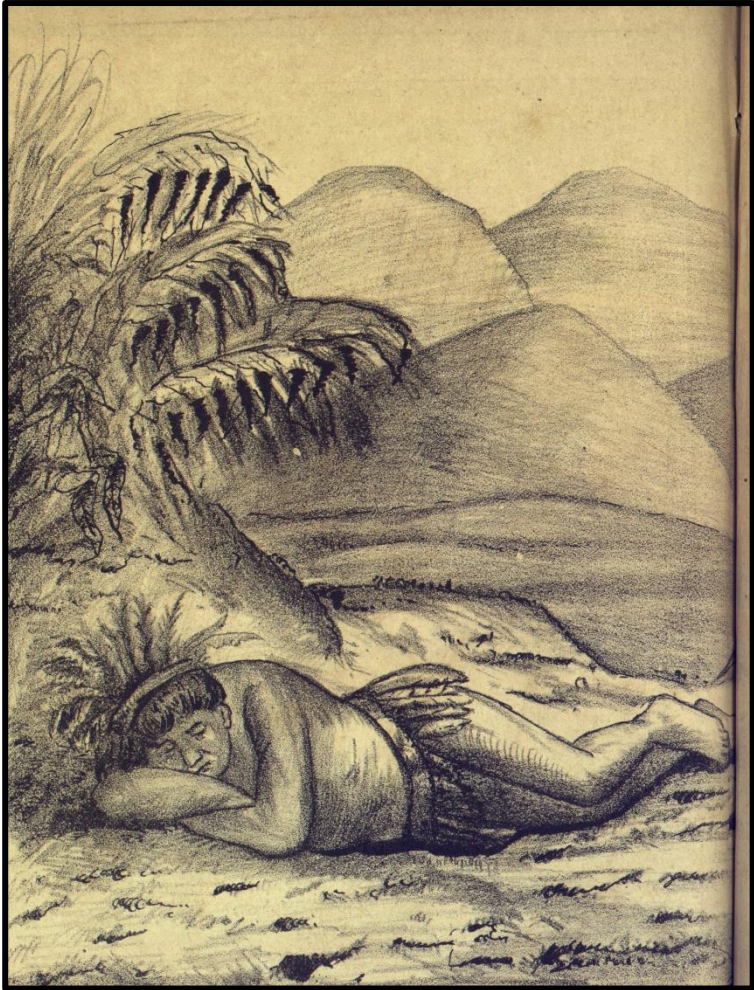




O índio, tradicional representação do povo brasileiro, consagrada pela arte caricatural, apareceu por diversas vezes nas inserções ilustradas do *Maruí*, normalmente colocado em situação de indolência e despreocupação para com os destinos do país. A mais recorrente dessas situações foi aquela que traduzia os supostos descuidos do Brasil em relação à Argentina seu principal rival no subcontinente da América do Sul. Desse modo, enquanto a figura do indígena dormia tranquilamente à sombra de uma árvore, o hebdomadário comentava que “se fala que os argentinos se preparam para uma formidável guerra com o Brasil e nada por enquanto soa o clarim”, em um quadro pelo qual “o Brasil não deixa de gozar a doce paz, provando que a nada se mostra inquieto” (22 fev. 1880). Entregue novamente à letargia, o indígena mostrava-se mais uma vez tranquilo sob uma árvore e tendo uma pele de onça, como cama, acompanhado da constatação de que “os argentinos armam-se até os dentes” e, “a tudo isso, o Brasil dorme”, vindo a surgir a pergunta: “Não despertará ele a tempo de evitar o perigo?” (5 dez. 1880). Em outra capa, o índio-Brasil mantinha apenas o cocar de sua indumentária usual, trajando vestes mais convencionais, ao passo que o outro integrante da cena, o bobo da corte, mantinha a pauta da inserção anterior e alertava: “Olhe amiguinho, cuidado e caldo de galinha nunca fizeram mal. Cautela com aqueles pícaros” (12 dez. 1880). Na concepção do hebdomadário os alertas não teriam sido suficientes, pois, mais de um ano depois, voltava a registrar o índio em sono profundo, vindo a lamentar que “o Brasil dorme indolentemente” (23 abr. 1882).







Como um moralizador da sociedade, em busca de diagnósticos aos males que a afligiam, o *Maruí* seguiu à risca seus congêneres, exercendo um jornalismo essencialmente crítico-opinativo. Nesse quadro, a crítica política foi bastante recorrente nas páginas do periódico, ao lançar um olhar e manifestar-se caricaturalmente acerca de determinados fundamentos políticos da vida nacional, regional e local. Sem maiores preocupações com vínculos partidários ao estabelecer sua interpretação crítica, o semanário incorreu em um discurso do senso comum, o qual se baseia na ação de criticar o conjunto das atitudes de políticos e governantes em geral, sem uma identificação político-partidária ou ideológica mais definida, constituindo uma crítica do senso comum, cuja finalidade era emitir opiniões, criticando, sugerindo, ironizando, corrigindo, remoçando e, em última instância, introduzindo novos lugares comuns¹². Assim, ninguém foi poupado dessa visão zombeteira, irônica, jocosa e sarcástica, passando por edis, deputados, senadores e mesmo o Imperador, que, ao serem caricaturados, foram despojados de sua autoridade, vindo a alocá-los no rol dos atingidos pela ferina arte caricatural e, portanto, prováveis inimigos ou ao menos insatisfeitos com a folha ilustrado-humorística. Nesse sentido, o *Maruí* encerrou suas atividades em maio de 1882, deixando um passivo no qual a parcela de ódios era grande¹³.

¹² GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 177.

¹³ FERREIRA, 1962. p. 183.

A crítica de costumes nos primórdios do *Maruí*: breve estudo de caso

Como era comum aos periódicos que seguiam a tendência ilustrado-humorística, desde o início de sua circulação, o *Maruí* assumiu uma feição moralizadora, propondo-se a exercer uma atuação constante na intransigente defesa da moralidade pública¹⁴. Para a execução de tal missão, o semanário dedicou-se incansavelmente à prática de um periodismo de cunho fundamentalmente opinativo e crítico, observando aquilo que considerava como máculas da sociedade, identificando-as e partindo em busca de soluções. Para tanto, exercia um jornalismo joco-sério, ou seja, tratava os temas abordados com humor, mas sem deixar de todo a seriedade, expressos ambos por meio da crítica.

Ao longo de seus registros imagéticos e textuais, o *Maruí* empregou em larga escala a crítica política e a social, sem deixar de lado a crítica de costumes, foco deste breve estudo de caso voltado às atividades que envolviam diversão pública ao longo do primeiro

¹⁴ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 183. Acerca do *Maruí*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 194-217.

bimestre de existência do periódico rio-grandino, de janeiro a fevereiro de 1880. A prática de um jornalismo opinativo trazia na esteira do hebdomadário caricato a essência da própria crítica, que constitui o seu próprio contexto editorial¹⁵ e, no caso da crítica de costumes, seu fulcro era estabelecer uma análise satírica e chistosa de hábitos, comportamentos, contradições e idiossincrasias de uma sociedade, com a observação do cotidiano de modo a examinar e questionar convenções sociais e normas morais.

O final do século XIX constituiu um momento histórico no qual a influência da imprensa ilustrado-humorística teve aumentada a sua carga de relevância, sem perder a natureza humorística e de vanguarda¹⁶. Nesse sentido, a arte caricatural muitas vezes tornou-se mais expressiva que a palavra escrita, contendo mais ideias em menos espaço e comunicando-as mais depressa¹⁷, já que um feliz traço de lápis vale muitas vezes mais que um estirado artigo de fundo¹⁸. A caricatura assim transformou-se em um recurso poderoso que educava, fazia rir, enfeitava e

¹⁵ BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 105.

¹⁶ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1990. p. 127-128.

¹⁷ MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições, 2012. p. 24.

¹⁸ FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917, tomo 80, p. 609.

potencializava as ações da imprensa¹⁹, bem como tornou as matérias jornalísticas mais atraentes²⁰. Além disso, a informação visual proporcionada pela caricatura colocava os leitores como coparticipantes, integrados no desenrolar dos acontecimentos ou conjunturas históricas, mais ou menos complexas que eram observadas²¹, uma vez que o caricaturista não é necessariamente um criador de ridículos, mas também aquele que tem a capacidade de apreender os movimentos imperceptíveis no seio das sociedades²², capacidade fundamental na captação dos detalhes que compunham a crítica de costumes.

Na efetivação da crítica de costumes, o hebdomadário observava os diversos microcosmos que compunham o cotidiano citadino. Um deles esteve vinculado a um hábito que ganhava corpo, mormente naquele período de início do ano, com a proximidade e a realização efetiva das festividades carnavalescas. Tratava-se da utilização de bisnagas com as quais as pessoas se divertiam molhando as demais, estabelecendo um comportamento que não agradava a todos e o *Maruí* foi veemente em combater esse costume, como expressou no artigo “As bisnagas”:

¹⁹ MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. p. 28-29.

²⁰ LAGO, Pedro Corrêa do. *Caricaturistas brasileiros*. Rio de Janeiro: Sextante, 1999. p. 12.

²¹ MORAIS, Fernanda Borges Ferreira; MAGALHÃES, Maria Benedita Cabral de & MORAIS, Maria José da Silva. *A caricatura: um recurso educativo nas aulas de História*. Lisboa: Associação de Professores de História, 1996. p. 3.

²² LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 15.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Ei-las de novo em cena!

Quem for ao passeio municipal não se gava de voltar para casa sem uma meia dúzia de seringadas, aplicadas por uns dedos rosados ou anêmicos, afilados ou rombudos, aristocráticos ou plebeus.

Na noite de domingo último fazia gosto de ver o entusiasmo com que se cruzavam as esguichadas, tão prejudiciais às compleições débeis quanto atentatórias à moral e ao decoro.

A bisnaga, se bem que pareça, à primeira vista, um objeto inofensivo, é, contudo, arma perigosíssima contra a mal segura pudicícia das moças inexperientes, se é que ainda existem.

Ora reparem...

No momento de dar-se uma bisnagada passa-se uma carta, uma flor, uma trança de cabelos, não obstante estar este último objeto abolido pela arte moderna do namoro.

O pior são os beliscões, os abraços, os apertos, os encontrões e os beijos rápidos e furtivos!

Daqui [surge] uma série de circunstâncias de grande alcance cujas consequências não podemos prever.

Somos de parecer que Eva, se lhe faltasse o pomo, teria tentado Adão com uma bisnaga, se elas por desgraça já existissem naquele tempo.

Ilustres pais de família!

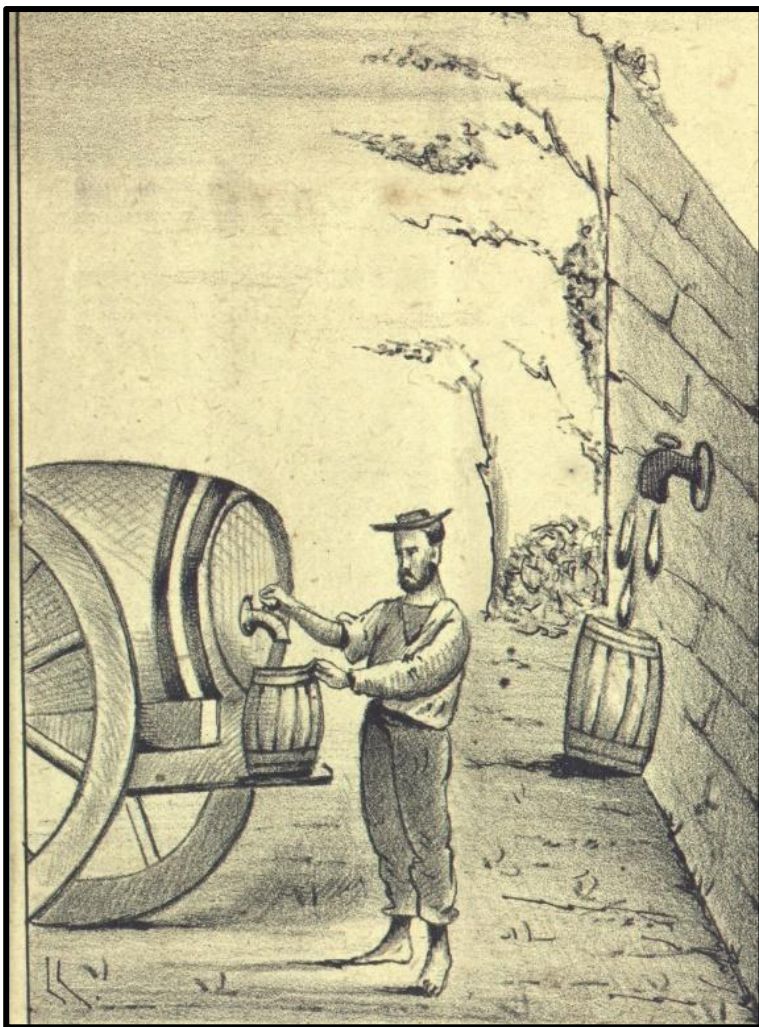
Em nome da moral e de vossa tranquilidade doméstica, arrancai a bisnaga da mão de vossas filhas!

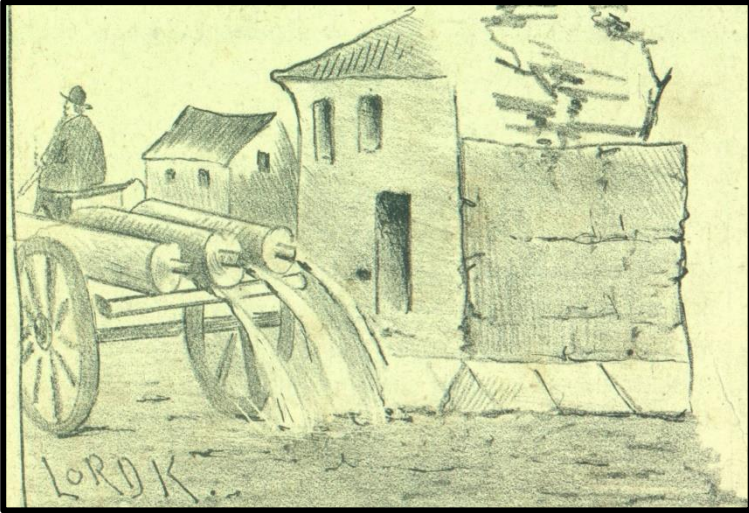
É um conselho de grande alcance com o qual muito tereis a aproveitar. (11 jan. 1880).

Exagerando no tamanho e na proporção do objeto que criticava, o periódico apresentou sua versão

caricatural de uma batalha de bisnagadas, comentando que aquela seria a “cena atual”, complementando ironicamente com a expressão “Que progresso?!...” (11 jan. 1880). Em outro registro expresso por meio da caricatura, o hebdomadário mostrava um homem lançando mão de uma bisnaga para molhar os fundilhos de outro, com a argumentação de que “estamos em pleno carnaval”, e, portanto, “é permitido o uso das bisnagas” (18 jan. 1880). A folha caricata insistia nas precariedades quanto ao abastecimento de água, chegando a sugerir em caricatura que talvez fosse necessário “voltar ao antigo sistema”, com o precioso líquido tendo de ser distribuído por um aguateiro de porta em porta (4 jan. 1880). Tratando o tema chistosamente e retornando à questão das bisnagas, idealizando um sistema que poderia utilizá-las de uma forma positiva, auxiliando na distribuição de água (8 fev. 1880). Segundo a publicação ilustrada, sob a perspectiva censória, tal brincadeira estava se tornando tão popular, que até mesmo os padres a estariam praticando (1º fev. 1880).







As festas de Momo propriamente ditas também foram tema da crítica de costumes do *Maruí*. Os elogios da folha para com a folia deram-se no sentido de que elas teriam ocorrido nos limites da ordem e da boa convivência, como expressou no editorial intitulado “O carnaval”. O texto dizia que “para aqueles que tomaram parte nas folias carnavalescas resta-lhes uma recordação indelével, que ainda no futuro lhe há de dar rebates de íntima saudade”. A coluna se referia a uma “briosa rapaziada”, declarando que “nunca o Rio Grande, esta carrançã e monótona cidade assistiu a festas esplendorosas como as que se efetuaram”. Além disso, confirmava que “a mocidade rio-grandense despertou afinal cheia de entusiasmo, de vida, possante, enérgica e decidida”, vindo a “dar uma mostra dos celebrados carnavais de Roma e Veneza” (15 fev. 1880). A folha aplaudia também os atos realizados pelos clubes carnavalesco, qualificados como “surpreendentes e dignos, reinando em todos eles a maior animação e ordem” (22 fev. 1880).

Por outro lado, o hebdomadário apresentou censuras às atividades vinculadas ao carnaval que traziam consigo algum conteúdo de transgressão. Nessa linha, a crítica se destinava às moças, entre as quais “não se fala em outra coisa que não seja o carnaval”, sendo “um martírio” aguentar suas conversas planejando a ida aos bailes, versando seus diálogos dessa maneira: “Eu vou assim, Fulana vai assado; Chiquinha mandou fazer isto, Bebê mandou fazer aquilo; e porque daqui e porque dali, tal etc.”. Frente a tal cenário, restava a “um pobre cronista olhar para todos os cantos, espiar em todas as fechaduras, meter o nariz em todas as conversas” (1º fev. 1880). Outra recepção negativa por parte do periódico

deu-se em relação a uma fantasia, como expressou na nota denominada “Fina crítica”:

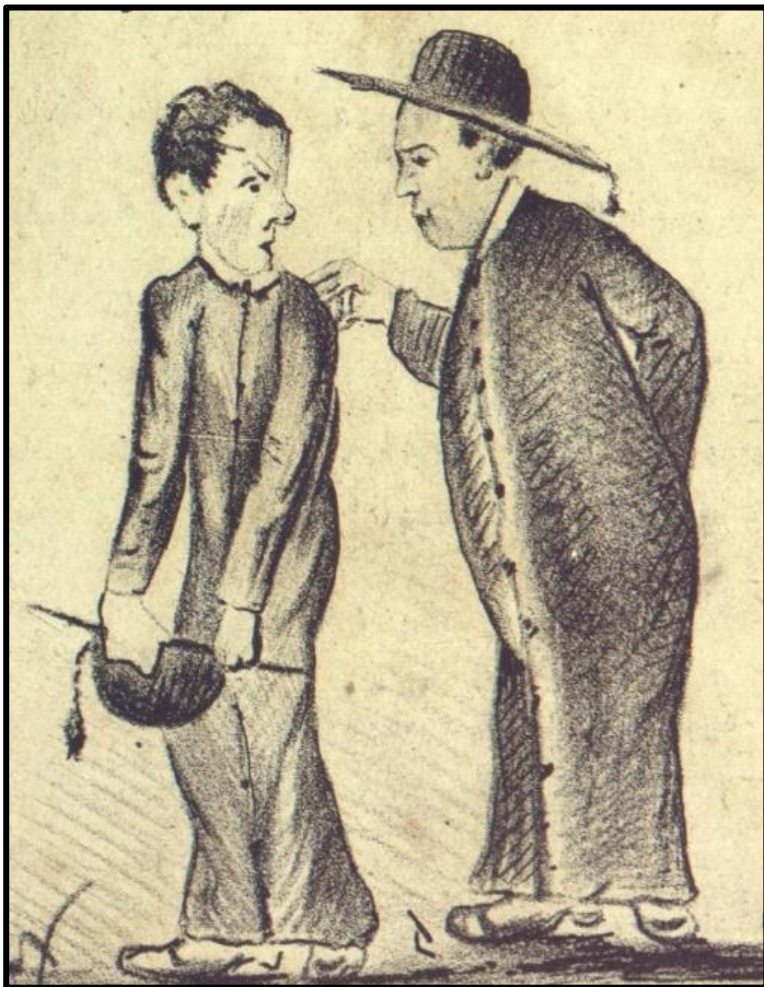
Entre os mascarados que se apresentaram em público no dia do carnaval, se destacava um, vestido de túnica e capuz, que soletrava em um alfabeto que trazia na mão as letras do silabário, e se mostrava muito agastado de que houvesse quem tivesse querido questionar com ele no ajuntamento das letras que significavam juntas emissões de uma palavra dizendo que se jactando de inteligente, não admitia que ninguém quisesse questionar com ele em letras.

O fato é que por aí abundam desses fanfarrões e plagiadores. (22 fev. 1880).

A perspectiva negativa para com aquilo que pudesse ser encarado como um ato transgressor ficou evidenciada no segmento ilustrado pela arte caricatural. Nessa linha, já nos preparativos para os folguedos, uma jovem repreendia uma criança, ameaçando que iria contar que ela estaria mexendo nos doces, e vindo a receber por resposta que, caso isso ocorresse, também seria relatado o encontro que houvera com um certo primo, sugerindo um namoro que não poderia ser revelado. Na mesma ocasião, tristes por não poderem participara das folias, dois clérigos se lamentavam, encontrando por lenitivo o fato de que viriam a terem a sua própria “festa”, com a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes. (25 jan. 1880). Apresentou também um desenho intitulado “Alegoria ao carnaval”, na qual um pierrô e uma colombina divertiam-se tanto com a folia, em frenética dança, que nem se davam conta que estavam bailando sobre as mesas, sem levar em conta a

comida e a bebida que ali se encontrava (8 fev. 1880). Outra figura denominava-se “Os empenhos do carnaval”, mostrando um homem trajando apenas um camisão, uma vez que fizera a “loucura” de vender suas roupas de uso normal, trocando suas vestes “por três dias” de intensas festas. A folha publicava ainda um conjunto caricatural intitulado “Um baile parecido com todos os outros”, ainda que seu foco fosse o de ressaltar episódios pitorescos e anedóticos que teriam acontecido no festejo, como foi o caso de um homem que se declarava loucamente apaixonado pelo seu par, ao que ela respondia que ele não deveria ser “imprudente”; em outro ponto da cena, um pai ameaçava “quebrar a cara” do indivíduo que ousara dançar com a sua filha; e, na última, um rapaz se divertia ao encontrar a anquinha de uma moça, envergonhada pela perda de uma peça de sua indumentária que servia para aumentar certa parte de seu corpo, de acordo com os padrões então impostos pela moda (22 fev. 1880).















A instalação de riques foi uma atividade de entretenimento bastante usual no Rio Grande do final do século XIX, gerando para as publicações ilustrado-humorísticas bons motes para realizar pilhérias, notadamente em alusão aos constantes tombos ocorridos em meio à patinação. Tal divertimento também esteve dentre as pautas do *Maruí* ao abordar o fechamento de um rinque, ação observada pelo periódico a partir do prisma da ironia, com fingida tristeza, como um alívio para a sociedade:

Coitadinho!

Morreu como morre por aí qualquer diabo, abandonado por todos e por todos escarnecido!

Infeliz! Nós que te amávamos sinceramente, que acreditávamos nas tuas propriedades higiênicas e digestivas, não podemos deixar de verter uma lágrima de saudade, sobre os teus restos venerandos.

Desventurado rinque!

Tu que nasceste nas regiões dos gelos, lá, onde o diabo perdeu as botas, que atravessaste imensos continentes para vires pedir aqui hospitalidade árabe, não imaginavas que terias de dar à casca triste e ingloriamente.

Que destino fatal!

Não simpatizaram com os teus modos britânicos, com essa fleuma inalterável, com esse aspecto de granadeiro sisudo.

Por isso te correram a pontapés!

Malvados!

É desengañador: a nossa sociedade não gosta de inovações.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Ama as usanças dos nossos antepassados e despreza, por desconfiança, tudo que lhe cheira a modernismo.

Foi um acontecimento consternador.

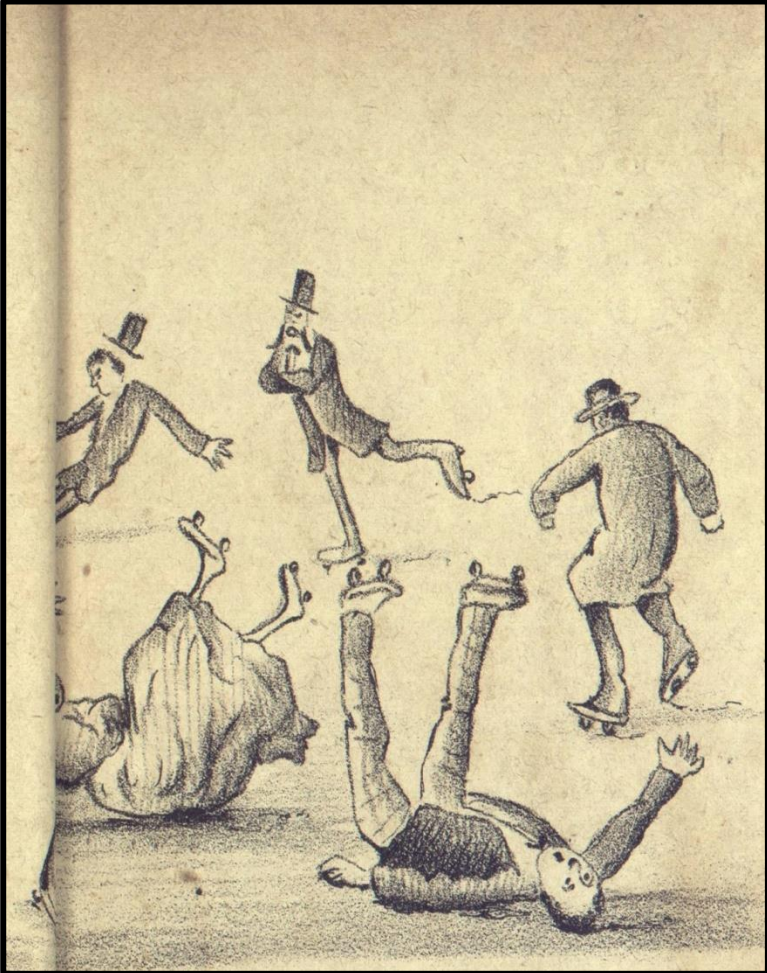
Na estação presente tu eras mais necessário que a queda do ministério atual, mais, muito mais, que a emigração chinesa!

E, no entanto... morreste!

A terra te seja leve como uma barra de chumbo. (11 jan. 1880).

Ainda acerca do rinque, o periódico trouxe aos seus leitores um conjunto caricatural. Na abertura, o bobo da corte, símbolo dos artistas da caricatura e do próprio semanário, em trajes modernos, com a cartola em uma mão e o crayon na outra, conversava com uma dama, buscando consolá-la e cortejá-la, ao dizer-lhe que “o rinque foi-se, mas fiquei eu para consolá-la do desastre”, ou seja, já que não haveria mais a pista de patinação, restava a leitura do *Maruí* como forma de entretenimento. A folha não esquecia que, ao lado da diversão, o esporte praticado com patins trazia diversos acidentes, com as várias quedas, referindo-se ao fim daquela atividade, mais uma vez em tom irônico, como uma “fatalidade” do “destino”. Até mesmo o Zé Povinho – tradicional representação da população brasileira – aparecia em roupas domingueiras, reclamando do hebdomadário pela forma zombeteira com a qual estava tratando o encerramento daquela atividade, que era bastante apreciada pela sua família, ao que o bobo da corte dava as costas, deixando escapar uma risada marota (11 jan. 1880).









Assim, desde os seus primeiros números, o *Maruí* levou ao seu público leitor uma parte ilustrada em que figuravam com regularidade charges tempestivas mas espinhosas, em termos de agastar a certas damas e cavalheiros, que seriam merecedores da urtiga do motejo²³. Nessa linha, ainda em suas origens, já levava em frente a sina dos ilustrado-humorísticos voltados à difusão da arte caricatural na prática de um periodismo eminentemente crítico-opinativo. Ao lado da crítica política e social, o periódico executou muito a contento a crítica de costumes, observando a sociedade e ressaltando as potenciais moléstias que a afligiam, as quais envolviam desde questões profundas e estruturais, até outras, mais suaves e circunstanciais. Este breve estudo de caso, na forma de amostragem, abordou exatamente este último tipo de enfoque, observando a crítica estabelecida pelo semanário em relação a três formas de divertimento bastante recorrentes naquele início de 1880. Nessa faina de criticar os costumes, a folha indicava e estimulava para o seio da sociedade os comportamentos aceitáveis e esperáveis, ao passo que condenava aqueles que eram considerados como inaceitáveis e inesperáveis, referenciando formas de conduta em meio à população. Tal postura era bastante comum aos seus congêneres, e o hebdomadário assumia plenamente essa feição, chegando a confessar que “francamente prefere a sua modesta e obscura posição de periódico caricato”, mantendo a prática de criticar e opinar abertamente, “a ser jornal diário com foros de sisudo e de órgão da opinião pública” (23 jan. 1881).

²³ FERREIRA, 1962, p. 177.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE



9 786553 061187

ISBN: 978-65-5306-118-7